

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE LETRAS

ANA CAROLINA DE SOUSA ARAÚJO

UMA ANÁLISE SEMÂNTICA DE ‘JUNTO’ E DE SUAS  
VARIACÕES NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

SÃO CARLOS  
2024

ANA CAROLINA DE SOUSA ARAÚJO

UMA ANÁLISE SEMÂNTICA DE 'JUNTO' E DE SUAS VARIAÇÕES NO PORTUGUÊS  
BRASILEIRO

Trabalho de conclusão de curso apresentado  
ao Departamento de Letras da Universidade  
Federal de São Carlos, para obtenção do  
título de Bacharel em Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Renato Miguel Basso

São Carlos  
2024

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas  
Departamento de Letras

**Folha de aprovação.**

Assinatura dos membros da comissão examinadora que avaliou e aprovou o Trabalho de Conclusão de Curso da candidata Ana Carolina de Sousa Araújo, realizada em 29/08/2024:

---

Prof. Dr. Renato Miguel Basso  
Universidade Federal de São Carlos

---

Prof. Dr. Dirceu Cleber Conde  
Universidade Federal de São Carlos

---

Prof. Dr. [nome]  
Instituição

Dedico este trabalho às mulheres da minha família, cuja coragem e perseverança abriram caminho para que eu pudesse ser a primeira a alcançar o sonho de ingressar na universidade. Cada página deste trabalho é um reflexo de todo sacrifício e dedicação de vocês.

## AGRADECIMENTOS

Há muitas pessoas a quem eu gostaria de agradecer por terem me acompanhado ao longo dessa jornada ao mesmo tempo enriquecedora e desafiadora que foi a graduação. A primeira delas é, sem dúvidas, minha mãe, que sempre fez todo o possível para me ajudar a realizar meus sonhos. Muito obrigada por tanto, espero poder te dar muito orgulho ainda. Agradeço também aos meus familiares que sempre acreditaram no meu potencial e que me incentivaram a chegar até aqui.

Também gostaria de agradecer meu orientador, o Prof. Dr. Renato Miguel Basso, por ter me apresentado ao universo da Semântica, pelo qual sou profundamente apaixonada, e por ter me guiado com tanta paciência e cuidado pelo mundo acadêmico. Espero que possamos produzir muitas coisas boas no futuro

Minha gratidão também à minha grande amiga Fernanda, por ter compartilhado tantos momentos incríveis da vida comigo e ao lado de quem pude conquistar tantas coisas. Obrigada por sonhar esse sonho comigo; mal posso esperar por tudo que ainda vamos viver juntas.

Também agradeço a todos os amigos incríveis que a universidade me proporcionou. Vocês foram essenciais para minha jornada e serei sempre muito grata pelos momentos que pude compartilhar com cada um ao longo desses anos. Muito obrigada por tudo, linguistas.

Por fim, agradeço à FAPESP, sem a qual eu nunca teria conseguido desenvolver a pesquisa que resultou nesta Monografia, e à UFSCar, que me permitiu realizar o sonho de ser a primeira da minha família a chegar até aqui.

*“I have climbed highest mountains  
I have run through the fields [...]  
But I still haven't found what I'm looking for”*

(U2 - I still haven't found what I'm looking for)

## RESUMO

Neste Trabalho de Conclusão de Curso realizamos uma análise semântica da expressão 'junto' no português brasileiro (PB), levando em conta suas características morfológicas, isto é, sua flexão em número e em gênero ('juntos', 'juntas') e seu uso no diminutivo ('juntinho/s/as'), as diferentes posições sintáticas que o item pode ocupar em uma sentença e o caráter antidistributivo/coletivizante que parece estar relacionado a expressão. Para tanto, serão realizados testes de contexto linguístico com o item JUNTO, metaforma que usaremos para representar as diferentes formas do termo, buscando capturar as diferentes interpretações que a expressão pode ter no PB. Feito isso, analisaremos os dados com base em duas teorias distintas que foram apresentadas como possibilidade de descrição para o termo *together*, que pode ser entendido como um equivalente próximo de 'junto' no inglês, a saber, a proposta de sobreposição de eventos apresentada por Lasersohn (1998), e a abordagem de mensuração defendida por Moltmann (2004), com o intuito de descobrir se, e como, tais teorias podem ser utilizadas para explicar o comportamento semântico de 'junto' e de suas variações no PB. Dessa forma, buscamos contribuir não apenas para a descrição de tal expressão, que ainda não foi estudada no português brasileiro, mas também para os estudos semânticos de forma geral.

**Palavras-chave:** Junto. Antidistributividade. Semântica.

## ABSTRACT

In this work we will carry out a semantic analysis of the expression 'junto' in Brazilian Portuguese (BP), taking into account its morphological characteristics, that is, its inflection in number and gender ('juntos', 'juntas') and its use in the diminutive ('juntinho/s/as'), the different syntactic positions that the item can occupy in a sentence and the anti-distributive/collectivizing character that seems to be related to the expression. To this end, linguistic context tests will be carried out with the item JUNTO, a metaform that we will use to represent the different forms of the term, seeking to capture the different interpretations that the expression can have in BP. Having done this, we will analyze the data based on two distinct theories that were presented as a possible description for the term *together*, which can be understood as a close equivalent of 'junto' in English, namely, the proposal of overlapping events presented by Lasersohn (1998), and the measurement approach defended by Moltmann (2004), with the aim of discovering whether, and how, such theories can be used to explain the semantic behavior of 'junto' and its variations in BP. In this way, we seek to contribute not only to the description of this expression, which has not yet been studied in Brazilian Portuguese, but also to semantic studies in general.

**Keyword:** Junto. Anti-distributivity. Semantics.

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Propriedades das interpretações de JUNTO.....	29
Quadro 2 - Funcionamento da variação de número de JUNTO.....	34
Quadro 3 - Tipos de soma realizados pela expressão JUNTO.....	45

## LISTA DE SÍMBOLOS

$\lambda$	Operador lambda
$\&$	conjunto 'e'
$\forall$	Para todo
$\exists$	Existe
$\leq$	Menor ou igual
$\rightarrow$	Se... então
$\circ$	Sobreposição
1	Verdadeiro
$<$	Menor
$\neg$	Negação
$\in$	Pertence
$\vee$	Ou
$+$	Operador de soma

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>14</b>
2.1 PROPOSTA DE SOBREPOSIÇÃO DE EVENTOS.....	14
2.2 PROPOSTA DE MENSURAÇÃO.....	17
<b>3 METODOLOGIA.....</b>	<b>22</b>
<b>4 RESULTADOS.....</b>	<b>23</b>
4.1. AS INTERPRETAÇÕES DE JUNTO NO PB.....	24
4.1.1 Interpretação de Combinação de Elementos.....	24
4.1.2 Interpretação de Cooperação.....	25
4.1.3 Interpretação de Mensuração.....	25
4.1.4 Interpretação Espaço-Temporal.....	27
4.1.5 Interpretação Temporal.....	28
4.1.6 Propriedades das Interpretações.....	29
4.2. QUESTÕES MORFOSSINTÁTICAS SOBRE JUNTO.....	30
4.2.1 Junto, Juntos, Juntas: Questões sobre a Flexão de Número e de Gênero....	30
4.2.2 Juntinho, Juntinhos, Juntinhas: Questões sobre a Derivação de Grau.....	34
4.2.3 Questões Sobre a Posição Sintática de JUNTO.....	37
4.3. UMA PROPOSTA SEMÂNTICA PARA JUNTO.....	41
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>46</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>48</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Existem muitas expressões do português brasileiro (PB) que ainda carecem de estudos linguísticos mais aprofundados, especialmente no âmbito das investigações formais do significado, que possam fornecer descrições precisas sobre seu significado e sua contribuição semântica. Um desses termos, sobre o qual nos dedicaremos nesta Monografia de Conclusão de Curso, é a expressão JUNTO<sup>1</sup>.

Conforme mostram os exemplos abaixo, é possível compreendermos o item JUNTO como um marcador antidistributivo, cuja função é “prevenir uma leitura distributiva do predicado” (Moltmann, 2004, p. 289, tradução nossa<sup>2</sup>). Em outras palavras, ao analisarmos as sentenças (1) e (2), notamos que elas não podem ser interpretadas distributivamente, isto é, em uma situação em que cada um dos indivíduos realiza a ação descrita pelo predicado, mas apenas de forma coletiva.

- (1) João e Maria juntos pesam 120 quilos.
- (2) João e Maria viajaram juntos.

Além disso, diferentemente, por exemplo, de sua contraparte no inglês, a saber, a expressão *together*, JUNTO apresenta variação morfológica de número (‘junto’, ‘juntos’), de gênero (‘juntas’<sup>3</sup>) e de grau (‘juntinho’<sup>4</sup>), como mostram os exemplos abaixo:

- (3) João e Pedro dormiram junto.
- (4) João e Pedro dormiram juntos.
- (5) Ana e Maria dormiram juntas.
- (6) João e Pedro dormiram juntinhos.

O item também pode variar sintaticamente, como pode ser percebido a partir das sentenças a seguir, além dos exemplos (1) e (2) apresentados anteriormente.

---

<sup>1</sup> Usaremos JUNTO como uma metáfora que engloba as diferentes formas morfológicas do item, como ‘junto’, ‘juntos’, ‘juntas’, ‘juntinho’ etc.

<sup>2</sup> No original: “[...] preventing a distributive reading of the predicate” (Moltmann, 2004, p. 289).

<sup>3</sup> Como mostraremos ao longo deste estudo, ‘junta’ não pode ser entendida como uma forma morfológica de JUNTO no português brasileiro.

<sup>4</sup> É possível pensar que, além da variação no diminutivo, JUNTO também pode apresentar formas no aumentativo, como ‘juntão’ ou ‘juntaço’. Tais formas, porém, não parecem tão produtivas quanto ‘juntinho’ e, por esse motivo, não serão exploradas nesta monografia.

- (7) Juntos, João e Maria fizeram o trabalho.
- (8) João e Maria juntos fizeram o trabalho.
- (9) João e Maria fizeram o trabalho juntos.

Diante do exposto, há, pelo menos, três questões a serem investigadas para que possamos atingir o principal objetivo desta Monografia, que é compreender qual é a contribuição semântica de JUNTO no português brasileiro. A primeira delas é analisar as diferentes possibilidades de interpretação do termo, e as propriedades em comum dessas interpretações. O segundo ponto que devemos investigar é o funcionamento do efeito antidistributivo ou coletivizante que está associado ao item. Já a terceira questão consiste em entender o comportamento morfossintático de JUNTO e como ele pode influenciar na interpretação de sentenças modificadas pela expressão.

Para tanto, a presente pesquisa se estrutura da seguinte forma: na seção 2 apresentaremos nossa fundamentação teórica. Já na terceira seção, explicaremos a forma como a análise será conduzida. A seção 4, por sua vez, será dedicada à exposição dos resultados obtidos e, por fim, na seção 5 retomaremos o percurso feito e apresentaremos nossas considerações finais.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Conforme apontamos na seção 1, a contribuição semântica da expressão JUNTO ainda não foi estudada no PB. Por esse motivo, foi necessário buscar estudos que analisassem termos que pudessem ser considerados equivalentes próximos a tal expressão em outras línguas para termos uma base de apoio para nossas investigações.

Foram selecionados, então, dois trabalhos no âmbito da Semântica Formal que têm como foco a expressão *together* do inglês, que podemos entender como um equivalente próximo de JUNTO. São eles a proposta de sobreposição de eventos de Lasersohn (1998) e a abordagem de mensuração de Moltmann (2004). Cada uma dessas teorias apresenta uma proposta diferente para explicar o significado da expressão em inglês e ambas podem ser analisadas como uma possibilidade para explicar o funcionamento do item JUNTO no PB.

### 2.1 PROPOSTA DE SOBREPOSIÇÃO DE EVENTOS

Lasersohn (1998) inicia seu artigo *Events in the Semantics of Collectivizing Adverbials* apontando que existem algumas formas possíveis de analisar a contribuição semântica de *together*. A primeira abordagem que o autor apresenta, retomando aquilo que já havia sido proposto por McCawley (1968) e Bartsch (1973), é baseada na ideia de estrutura de eventos<sup>5</sup>, em que as interpretações de uma sentença podem ser entendidas como relação de escopo entre os quantificadores presentes.

Dessa maneira, se pensarmos em uma sentença ambígua, como (10), podemos, segundo o autor, forçar uma leitura coletiva ao adicionarmos modificadores como *together*, como pode ser visto no exemplo (11):

(10) John and Harry went to Cleveland. (John e Harry foram para Cleveland.)

(11) John and Harry went to Cleveland together. (John e Harry foram para Cleveland juntos.)

---

<sup>5</sup> A abordagem que consideramos aqui ao falarmos de eventos é a abordagem Davidsoniana, na qual eventos são entidades específicas introduzidas por um predicado verbal (*cf.* Davidson, 1980, entre inúmeros outros; *cf.* Wachowicz, 2000).

Assim, em uma sentença modificada por *together*, segundo Lasersohn (1998) teríamos um único evento, realizado de forma simultânea pelos indivíduos que fazem parte da sentença, como mostra a formalização em (12), em que o quantificador existencial sobre eventos ( $\exists e$ ) tem um escopo amplo sobre o quantificador universal ( $\forall$ ) de forma que, para todo indivíduo ( $x$ ) que pertence ( $\in$ ) ao conjunto formado por John e Harry ( $\{j, m\}$ ) há um único evento de ir para Cleveland.

$$(12) \quad (\exists e) (\forall x \in \{j, m\}) \text{ go-to-Cleveland}'(x, e)$$

Dessa forma, o autor aponta que, em tal abordagem, o “efeito semântico de *together* é o de forçar um escopo amplo para o quantificador de eventos” (Lasersohn, 1998, p. 274, tradução nossa<sup>6</sup>).

Essa proposta, no entanto, não parece funcionar por uma série de motivos. O primeiro deles é o fato de tal abordagem ser acompanhada da predição de que, para cada sentença com o *together*, na qual existe um único evento do qual os indivíduos fazem parte, existe uma sentença correspondente sem o *together* em que há uma interpretação distributiva. Tal hipótese pode funcionar em alguns casos, mas não funciona, por exemplo, para casos como (13a) e (13b).

(13) a. John and Mary can lift more than 500 pounds together. (John e Mary podem erguer mais de 500 libras juntos.)

b. John can lift more than 500 pounds and Mary can lift more than 500 pounds. (John pode erguer mais de 500 libras e Mary pode erguer mais de 500 libras.)

Além disso, tal abordagem não parece ser capaz de explicar a diferença semântica existente entre sentenças como (14), que pode ser interpretada a partir de “uma situação em que John moveu alguns dos sofás e Mary moveu o resto” (Lasersohn, 1998, p. 275, tradução nossa<sup>7</sup>), e (15), que, de acordo com Lasersohn (1998), pode significar que John e Mary moveram os sofás de forma coletiva. Dito de outro modo, *together* pode desencadear

<sup>6</sup> No original: “[...] the semantic effect of *together* is to force wide scope for the event quantifier” (Lasersohn, 1998, p. 274).

<sup>7</sup> No original: “[...] a situation where John moved some of the sofas and Mary moved the rest” (Lasersohn, 1998, p. 275).

diferentes interpretações a depender de seu escopo, delimitado por sua posição sintática, e uma abordagem que envolve apenas ambiguidade entre quantificadores não captura tal fato.

(14) John and Mary together moved all the sofas. (John e Mary juntos moveram todos os sofás.)

(15) John and Mary moved all the sofas together. (John e Mary moveram todos os sofás juntos.)

Dados os problemas de tal proposta, Lasersohn (1998) apresenta outra abordagem, também baseada no conceito de estrutura de eventos, que possa descrever satisfatoriamente o funcionamento semântico de *together*. Sua proposta está relacionada à noção de sobreposição de eventos, “onde [...] dois conjuntos se sobrepõem se e somente se eles tiverem uma intersecção que não é vazia” (Lasersohn, 1998, p. 286, tradução nossa<sup>8</sup>). A definição lógica dessa proposta pode ser representada da seguinte forma, considerando que o indivíduo  $x$  faz parte do grupo  $g$ :

$$(16) \quad \text{together}' = \lambda P \lambda e \lambda g [P(e)(g) \ \& \ \forall e', e'' \leq e \ [[\exists x P(e')(x) \ \& \ \exists x P(e'')(x)] \rightarrow P_g(e') \circ P_g(e'')]]$$

Em prosa, o que tal formulação diz é que

um grupo  $g$  junto tem a propriedade  $P$  em um evento  $e$  se, e somente se,  $g$  possui  $P$  em  $e$ , e em quaisquer duas partes  $e'$ ,  $e''$  de  $g$  nas quais alguma coisa possui a propriedade  $P$ , os subgrupos de  $g$  que têm  $P$  em  $e'$  se sobrepõem aos subgrupos de  $g$  que têm  $P$  em  $e''$  (Lasersohn, 1998, p. 286, tradução nossa<sup>9</sup>).

Para compreender tal proposta, Lasersohn (1998) apresenta como exemplo a sentença (17), na qual, para o evento  $e$ , John levanta dois pianos em  $e'$  e Mary levanta outros dois em  $e''$ . Uma vez que o número total de pianos erguidos por John e/ou Mary nos eventos  $e'$  e  $e''$  é dois, “o grupo  $\{\text{John, Mary}\}$  é um elemento tanto de  $[[\textit{lift between two and four pianos, inclusive}]]_{\{\text{John, Mary}\}}(e')$  quanto de  $[[\textit{lift between two and four pianos, inclusive}]]_{\{\text{John, Mary}\}}(e'')$ , o

<sup>8</sup> No original: “[...] where [...] two sets [...] overlap iff they have a non-empty intersection” (Lasersohn, 1998, p. 286).

<sup>9</sup> No original: “A group  $g$  together has property  $P$  in eventuality  $e$  iff  $g$  has  $P$  in  $e$ , and in any two parts  $e'$ ,  $e''$  of  $e$  in which something has property  $P$ , the subgroups of  $g$  which have  $P$  in  $e'$  overlap the subgroups of  $g$  that have  $P$  in  $e''$ ” (Lasersohn, 1998, p. 286).

que faz com que esses conjuntos se sobreponham” (Lasersohn, 1998, p. 287, tradução nossa<sup>10</sup>).

(17) John and Mary together lifted between two and four pianos, inclusive. (John e Mary juntos ergueram entre dois e quatro pianos, inclusos.)

A vantagem de tal abordagem, de acordo com Lasersohn, é que ela pode dar conta de diferentes interpretações que o *together* pode ter, como pode ser visto nos exemplos abaixo em que, segundo o autor, temos uma sentença com interpretação de ação coordenada (18) e outra com uma leitura de atividade social (19). Além disso, como vimos no exemplo (17), tal proposta também é capaz de explicar a semântica de *together* quando em sentenças mais complexas.

(18) John and Mary work together. (John e Mary trabalham juntos.)

(19) John and Mary went out together. (John e Mary saíram juntos.)

## 2.2 PROPOSTA DE MENSURAÇÃO

Em seu artigo *The Semantics of Together*, Moltmann (2004) aponta que, inicialmente *together* pode atuar tanto como um modificador adnominal quanto como um modificador adverbial e que, no primeiro caso sua função seria a de um marcador antidistributivo, enquanto no segundo a expressão especificaria uma “ação coletiva ou cooperativa [...] ou uma proximidade espaço-temporal” (Moltmann, 2004, p. 289, tradução nossa<sup>11</sup>). Nesse sentido, quando se trata do domínio adnominal, como mostra a sentença (20), *together* sempre está relacionado ao sujeito e não ao sintagma verbal, ainda que se saiba que o item pode modificar ambos.

(20) John and Mary together weigh 200 pounds. (John e Mary juntos pesam 200 libras.)

---

<sup>10</sup> No original: “[...] the group {John, Mary} is an element both of [[lift between two and four pianos, inclusive]]<sub>{John, Mary}</sub> (*e'*) and of [[lift between two and four pianos, inclusive]]<sub>{John, Mary}</sub> (*e''*), so these sets will overlap” (Lasersohn, 1998, p. 287).

<sup>11</sup> No original: “[...] collective or cooperative action [...] or spatiotemporal proximity” (Moltmann, 2004, p. 289).

Além disso, Moltmann (2004) aponta que para ser compatível com o *together* em posição adnominal, o predicado da sentença modificada pelo item precisa permitir tanto uma leitura distributiva quanto coletiva. Além disso, de acordo com a autora, o termo não parece funcionar com predicados que são essencialmente distributivos, como (21), ou coletivos, como pode ser visto (22).

(21) #John and Mary together are asleep. (John e Mary juntos estão dormindo.)

(22) #John and Mary together are married. (John e Mary juntos estão casados.)

Dada a característica antidistributiva que *together* parece ter, a autora apresenta, baseada nas propostas de Bennett (1974), Hoeksema (1983) e Schwarzschild (1992, 1994), uma primeira formulação (23) para explicitar a função semântica do item. De forma resumida, tal abordagem demonstra que *together* não permite que nenhum elemento do Sintagma Nominal realize a ação descrita pelo Sintagma Verbal de forma individual, resultando assim, no caráter antidistributivo da expressão.

(23)  $[NP \textit{ together VP}] = 1 \rightarrow \forall d(d < [NP] \rightarrow \neg d \in [VP])$

Em prosa: uma sentença composta por um sintagma nominal (NP), pela expressão *together* e por um sintagma verbal (VP) só será verdadeira se para todo indivíduo em que o indivíduo faz parte do NP, então esse indivíduo não pertence ao VP.

Moltmann (2004) pontua, porém, que tal proposta possui uma série de problemas, tais como não poder ser utilizada para explicar o *together* em posição adverbial. No entanto, o principal problema que a abordagem ilustrada em (23) apresenta é o de caracterizar a antidistributividade como o efeito semântico de *together*. Isso porque, como pontua a autora, o termo “*together* em posição adnominal parece se comportar de forma diferente de um marcador antidistributivo de diversas formas” (Moltmann, 2004, p. 294, tradução nossa<sup>12</sup>). A primeira característica que difere o item de um marcador antidistributivo é que ele não é aceito com todo e qualquer predicado que permita ambas as leituras coletiva e distributiva e,

<sup>12</sup> No original: “[...] *together* in adnominal position behaves differently from an antidistributive marker in several ways” (Moltmann, 2004, p.294).

nos casos em que é aceito, ele nem sempre expressa a leitura coletiva esperada. Além disso, o *together* também pode ser aplicado em sentenças cujos “predicados tenham apenas leituras coletivas” (Moltmann, 2004, p. 294, tradução nossa<sup>13</sup>).

O exemplo (24) é um dos casos em que, mesmo que o predicado possa ser interpretado tanto coletivamente quanto de forma distributiva, o *together* em posição adnominal não funciona:

(24) #John and Mary together were carrying the box. (João e Maria juntos estavam carregando a caixa.)

Já a sentença em (25) funciona perfeitamente quando modificada pelo *together*:

(25) John and Mary together earn 100,000 dollars per year. (John e Mary juntos ganham 100,000 dólares por ano.)

A autora então questiona o que faz com que essas sentenças sejam diferentes. De acordo com ela, o que as distingue é o fato de a sentença em (25) envolver “alguma mensuração numérica, expressa por uma *measure phrase*” (Moltmann, 2004, p. 295, tradução e grifos nossos<sup>14</sup>). Sendo assim, para Moltmann (2004), a contribuição semântica da expressão *together* é a de “somar as medidas dos membros do grupo resultando na medida expressa pela *measure phrase*” (Moltmann, 2004, p. 295, tradução e grifos nossos<sup>15</sup>) e tal contribuição pode ser expressa por meio da fórmula representada em (26) que, por sua vez, é composta por uma função de medida aditiva  $f$ <sup>16</sup>, um conjunto de indivíduos  $D$ , os números reais  $R$  e a operação de soma (+). Dessa maneira, para qualquer mundo  $w$  e tempo  $t$ , para todo indivíduo  $d$  pertencente ao conjunto  $D$  e para toda entidade de mensuração  $n$  pertencente ao conjunto  $R$ ,  $d$ ,  $n$  e  $f$  pertencem à relação expressa pelo *together* apenas se a medida  $f$  aplicada à entidade  $d$  resulta em  $n$ .

<sup>13</sup> No original: “[...] predicates that only have a collective reading” (Moltmann, 2004, p.294).

<sup>14</sup> No original: “[...] some numerical measurement, expressed by a measure phrase” (Moltmann, 2004, p. 295).

<sup>15</sup> No original: “[...] adding up the measurements of the members of the group yields the measurement expressed by the measure phrase” (Moltmann, 2004, p. 295).

<sup>16</sup> Moltmann (2004) aponta que uma função de medida aditiva  $f$  é aquela que se aplica a entidades que não se sobrepõem. Dessa forma, podemos entender que uma função de medida é aditiva se, e somente se, ao se aplicar a duas entidades  $x$  e  $y$  que não sobrepõem e que medem  $n$  e  $m$ , respectivamente, o resultado de  $f$  aplicado a  $x$  e  $y$  será  $n+m$ .

(26) Para uma função de medida aditiva  $f$  com a estrutura  $(D, V)$ , para um conjunto de entidades  $D$ , para a estrutura  $(R, +)$ , para um conjunto de números reais  $R$ , para qualquer mundo  $w$  e tempo  $t$ , e entidades  $d \in D$  e  $n \in R$ ,  $\langle d, n, f \rangle \in \text{TOGETHER}^{w,t}$  sse  $f(d) = n$ .<sup>17</sup>

A partir disso, uma sentença como vimos em (25) pode ser descrita a partir da formulação em (27) em que “ $(\lambda x[\text{earn}(x)])$  é a função que mapeia entidades para o que elas ganham (em dólares) e  $j \vee m$  é a soma de John e Mary” (Moltmann, 2004, p. 296 tradução nossa<sup>18</sup>).

(27)  $\text{earn } 100,000 \text{ dollars } (j \vee m) \ \& \ \text{together } (j \vee m, 100,000, \lambda x[\text{earn}(x)])$

A vantagem que a abordagem de mensuração oferece, de acordo com Moltmann (2004), é que ela também pode ser aplicada, feitos certos ajustes, para o *together* em posição adverbial. Isso porque a autora afirma que o termo possui um único significado lexical e “deriva suas diferentes interpretações de tal significado em conjunto com o contexto sintático e semântico em que [...] ocorre” (Moltmann, 2004, p. 289, tradução nossa<sup>19</sup>). Assim sendo, a autora afirma que enquanto em posição adnominal o papel de *together* é o de somar as medidas dos grupos, em posição adverbial, o item tem a função de demonstrar que “o evento de soma composto pelos subeventos com os quais os membros do grupo contribuem deve ser um todo integrado” (Moltmann, 2004, p. 311, tradução nossa<sup>20</sup>). Podemos exemplificar essa afirmação a partir de uma sentença como (28). Nela, *together* é responsável por somar os subeventos em que cada um dos participantes realiza os esforços necessários para a realização do evento principal de resolver o problema.

(28) John and Mary solved the problem together. (John e Mary resolveram o

<sup>17</sup> No original: For an additive measurement function  $f$  from the structure  $(D, V)$  for a set of entities  $D$ , to the structure  $(R, +)$ , for a set of real numbers  $R$ , for any world  $w$  and time  $t$ , and entities  $d \in D$  and  $n \in R$ ,  $\langle d, n, f \rangle \in \text{TOGETHER}^{w,t}$  iff  $f(d) = n$ .

<sup>18</sup> No original “[...]  $(\lambda x[\text{earn}(x)])$  is the function mapping entities to what they earn (in dollars) and  $e \vee j \vee m$  the sum of John and Mary” (Moltmann, 2004, p. 296).

<sup>19</sup> No original “[...] derives the various readings from that meaning in conjunction with the syntactic and semantic context in which [...] occurs” (Moltmann, 2004, p. 289).

<sup>20</sup> No original “[...] the sum event composed of the subevents that the group members contribute must be an integrated whole” (Moltmann, 2004, p. 311).

problema juntos.)

Dada a diferença nas propriedades de soma que o *together* possui em domínio adnominal e em domínio adverbial, Moltmann (2004), propõe a seguinte formulação para este último que, apesar de retomar o que foi apresentado para o termo em posição adnominal, conta com certas modificações.

(29) Para um função de medida aditiva intensional  $f$  com a estrutura  $(D, V)$ , para um conjunto de entidades  $D$ , para uma estrutura  $(R, +)$ , para um conjunto de objetos  $R$ , para qualquer propriedade  $S$  de objetos em  $R$ , para qualquer mundo  $w$  e tempo  $t$ , e qualquer entidade  $d \in D$ ,  $\langle d, f, S \rangle \in \text{TOGETHER}^{w,t}$  iff  $f(d) \in S^{w,t}$ .<sup>21</sup>

Tal formulação envolve uma função de medida aditiva intensional  $f$ <sup>22</sup>, um conjunto de indivíduos  $D$ , um conjunto de objetos  $R$  e uma propriedade  $S$  sobre  $R$ . Assim, para qualquer mundo  $w$  e tempo  $t$ , e qualquer objeto  $d$  pertencente ao conjunto  $D$ , os elementos  $\langle d, f, S \rangle$  pertencem à relação denotada por *together* se a medida  $f$  aplicada a  $d$  pertence à propriedade  $S$  de  $R$ .

Nos encontramos, dessa forma, diante de duas possibilidades teóricas distintas que lidam com *together* e que podem vir a ser utilizadas para explicar a função semântica de JUNTO no português brasileiro. Para tanto, devemos, primeiro, estabelecer a metodologia que será aplicada em nosso estudo, conforme apresentaremos na seção seguinte. Feito isso, nos dedicaremos, na seção 4, a apresentar os resultados de nossa análise, demonstrando como a JUNTO se comporta no PB e aplicando as abordagens apresentadas aqui, com o intuito de compreender se, e como, elas podem dar conta do funcionamento da expressão.

---

<sup>21</sup> No original: For an intensional additive measure function  $f$  from the structure  $(D, V)$ , for a set of entities  $D$ , to the structure  $(R, +)$ , for a set of objects  $R$ , for a property  $S$  of objects  $R$ , for any world  $w$  and time  $t$ , and any object  $d \in D$ ,  $\langle d, f, S \rangle \in \text{TOGETHER}^{w,t}$  iff  $f(d) \in S^{w,t}$ .

<sup>22</sup> Baseada na tradição Davidsoniana, Moltmann (2004) aponta que a função de medida aditiva intensional  $f$  é um dos argumentos de *together* e sua função é realizar o mapeamento de entidades para os subeventos dos quais elas são agentes e que, por sua vez, formam um único evento que é tido como um todo integrado. A razão por trás da “intensionalização” da função de medida está relacionada com a necessidade de capturar propriedades aspectuais e temporais dos eventos.

### 3 METODOLOGIA

Para realizar a análise apresentada na presente Monografia, tomamos como base teorias e práticas comuns à semântica formal das línguas naturais. Dessa forma, a metodologia adotada se fundamenta no método hipotético-dedutivo que, por sua vez, envolve i) a formulação de hipóteses, ii) a dedução de certos resultados a partir das hipóteses formuladas e iii) a realização de testes empíricos que busquem comprovar se os resultados deduzidos condizem com a realidade. Cabe destacar, ainda, que os dados analisados são provenientes dos materiais bibliográficos utilizados para a realização deste estudo e, principalmente, da intuição do falante nativo do PB.

Nosso processo metodológico consiste em realizar, primeiramente, testes de contexto linguístico com sentenças que apresentem as diferentes variações morfológicas de JUNTO em diferentes posições sintáticas, utilizando a intuição do falante nativo como ferramenta para avaliar i) se as sentenças avaliadas são gramaticalmente aceitáveis, ii) quais interpretações elas apresentam, iii) como tais interpretações podem ser categorizadas e iv) se e como as características morfossintáticas da expressão podem interferir em sua semântica.

Concluída a primeira etapa de nosso estudo, nos voltaremos para as teorias apresentadas na seção 2 para o *together*, a saber, a proposta de sobreposição de Lasersohn (1998) e a abordagem de mensuração de Moltmann (2004), buscando compará-las e averiguar se alguma delas ou ambas podem ser utilizadas para descrever o comportamento semântico de JUNTO no PB. Dessa maneira, esperamos apresentar uma primeira explicação, ainda que informal, para a semântica da expressão.

Por fim, vale destacar que, dentro do processo metodológico deste Trabalho de Conclusão de Curso, buscamos sempre apresentar hipóteses e conclusões que são passíveis de testes e verificações, e que podem, conseqüentemente, ser falseadas, garantindo, assim, que as restrições da metalinguagem adotada para nosso estudo fossem obedecidas.

## 4 RESULTADOS

Em seus trabalhos, Lasersohn (1998) e Moltmann (2004) apresentam um número considerável de leituras que as sentenças modificadas por *together* podem ter.

Lasersohn (1998) aponta que *together* pode ter uma interpretação temporal (30), espacial (31), de ação coordenada (32), de atividade social (33) e de montagem<sup>23</sup> (34).

(30) John and Mary stood up together. (John e Mary levantaram juntos.)

(31) John and Mary sat together. (John e Mary sentaram juntos.)

(32) John and Mary work together. (John e Mary trabalharam juntos.)

(33) John and Mary went out together. (John e Mary saíram juntos.)

(34) John put the bicycle together. (John montou a bicicleta.)

Moltmann (2004), por sua vez, demonstra que, além da interpretação de mensuração que, segundo a autora, é inerente ao item, *together* também pode ser interpretado como uma ação coletiva (35), uma ação coordenada (36), uma demonstração de proximidade espaço-temporal (37) e de proximidade temporal (38).

(35) The men lifted the piano together. (Os homens levantaram o piano juntos.)

(36) John and Mary climbed the mountain together. (John e Mary escalaram a montanha juntos.)

(37) John and Mary sat on the bench together. (John e Mary sentaram no banco juntos.)

(38) John and Mary took the exam together. (John e Mary fizeram a prova juntos.)

Podemos notar, como apontam Basso e Araújo (2024, p. 3), que “as interpretações propostas [...] coincidem, com exceção da interpretação de montagem, que Moltmann (2004) não considera, e que também não encontramos em PB”. Além disso, exceto pela leitura em (34), é possível encontrarmos essas mesmas interpretações no PB, como veremos abaixo.

---

<sup>23</sup> Em inglês, *assembly*.

#### 4.1. AS INTERPRETAÇÕES DE JUNTO NO PB

Basso e Araújo (2024) argumentam que, no PB, a expressão JUNTO apresenta cinco interpretações diferentes, conforme apresentaremos a seguir.

##### 4.1.1 Interpretação de Combinação de Elementos

A primeira interpretação que JUNTO pode ter é aquela que Basso e Araújo (2024) nomeiam de “Interpretação de Combinação de Elementos”. De acordo com os autores, neste tipo de leitura, a função de JUNTO é “resultar na formação de um novo elemento que envolve a combinação da referência dos itens sobre os quais predica” (Basso; Araújo, 2024, p. 6).

Se analisarmos a sentença (39), por exemplo, veremos que o papel de ‘juntos’, uma das formas de JUNTO, é i) o de combinar os indivíduos ‘vinagre’ e ‘vinho’ e ii) de demonstrar que o predicado ‘ter um gosto ruim’ se aplica ao resultado de tal combinação. Dessa forma, podemos afirmar que o gosto ruim só pode ser sentido no resultado da mistura de vinagre e vinho:

(39) O vinagre e o vinho juntos têm um gosto ruim.

Além disso, também é possível notar que o termo parece desempenhar o papel de um marcador antidistributivo, assim como apontado por Lasersohn (1998) e Moltmann (2004) para o *together*, uma vez que, sem ‘juntos’, a sentença também pode ser interpretada de forma distributiva, como mostra o exemplo (40).

- (40) a. O vinagre e o vinho têm um gosto ruim.  
b. O vinagre tem um gosto ruim e o vinho tem um gosto ruim.

Um outro exemplo da leitura de combinação de elementos pode ser visto na sentença (41) abaixo.

(41) A água sanitária e a amônia podem causar infecções juntas.

Assim como no exemplo anterior, podemos notar que ‘juntas’ agrupa os indivíduos “água sanitária” e “amônia” e que é sobre o resultado desse agrupamento/combinção que o predicado atua.

Também é possível notar, a exemplo de (40), que ‘juntas’ desempenha um papel antidistributivo e que, sem a expressão, a sentença pode ser lida de forma distributiva, como mostra o exemplo (42).

- (42) a. A água sanitária e a amônia podem causar infecções.  
b. A água sanitária pode causar infecções e a amônia pode causar infecções.

#### 4.1.2 Interpretação de Cooperação

A segunda interpretação que os autores apresentam para JUNTO no PB é aquela que denominam como “Interpretação de Cooperação”. Neste tipo de leitura, o papel do termo é o de aumentar o número de participantes que, para um dado evento, desempenham o mesmo papel temático (Basso; Araújo, 2024), como pode ser visto no exemplo (43) abaixo.

- (43) João e Maria juntos resolveram o problema.

Nessa sentença, temos uma situação em que os participantes, de modo cooperativo, resolveram o problema. Assim, em (43) “João e Maria, como uma única entidade, são agentes do evento reportado” (Basso; Araújo, 2024, p. 7).

Podemos notar, ainda, a exemplo do que vimos na interpretação anterior, que JUNTO também apresenta um efeito antidistributivo pois, se removermos a expressão ‘juntos’ de (43), a nova sentença (44a) poderá ser interpretada de forma distributiva, como pode ser visto em (44b).

- (44) a. João e Maria resolveram o problema.  
b. João resolveu o problema e Maria resolveu o problema.

#### 4.1.3 Interpretação de Mensuração

A terceira interpretação que o item JUNTO pode ter é chamada por Basso e Araújo (2024) de “Interpretação de Mensuração”. Assim como proposto por Moltmann (2004) para *together*, neste tipo de leitura a função da expressão é a de

(i) demonstrar que cada um dos participantes da sentença possui uma medida numérica (seja em termos de salário ou de peso [...], por exemplo) e que (ii) é apenas a partir da soma dessas medidas que é possível chegar a uma interpretação coletiva, isto é, de caráter antidistributivo, do predicado (Basso; Araújo, 2024, p. 8).

Assim, se pensarmos em uma sentença como (45), veremos que ‘juntos’ realiza uma somatória dos valores recebidos pelos indivíduos, totalizando R\$ 5.000,00.

(45) João e Maria juntos ganham R\$ 5.000,00 por mês.

Podemos atestar tal afirmação, como apontam Basso e Araújo (2024), se pensarmos nessa mesma sentença, porém sem ser modificada pela expressão ‘juntos’, como mostra (46a). Da mesma forma que as duas leituras apresentadas anteriormente, vemos que sem o item, tal sentença pode ser interpretada de forma distributiva, como pode ser visto em (46b).

(46) a. João e Maria ganham R\$ 5.000 por mês.  
b. João ganha R\$ 5.000,00 por mês e Maria ganha R\$ 5.000,00 por mês.

Cabe destacar, ainda, no que diz respeito a esse tipo de interpretação, que “o predicado não precisa especificar uma medida particular” (Moltmann, 2004, p. 299, tradução nossa<sup>24</sup>). Sendo assim, em uma sentença como (47), mesmo que não haja uma medida numérica sendo especificamente expressa, ainda podemos capturar uma leitura de mensuração dado que “há uma entidade que surge [...] no decorrer de um processo de transformação” (Gomes, 2006, p. 87).

(47) Ana e Maria compraram muitas roupas juntas.

---

<sup>24</sup> No original: “[...] the predicate need not specify a particular measurement” (Moltmann, 2004, p. 299).

Além disso, não é difícil notar que, assim como visto nos exemplos anteriores, em (47) ‘juntas’ desempenha um papel coletivizante/antidistributivo e que, sem a expressão, a sentença pode ser lida distributivamente, como mostra (48).

- (48) a. Ana e Maria compraram muitas roupas.  
b. Ana comprou muitas roupas e Maria comprou muitas roupas.

#### 4.1.4 Interpretação Espaço-Temporal

A quarta leitura possível para JUNTO é chamada por Basso e Araújo (2024) de “Interpretação Espaço-Temporal” e, assim como o nome sugere, em sentenças com este tipo de interpretação “o evento [...] ocorre ao mesmo tempo para todos os participantes e, além disso, a ação descrita pelo evento é realizada em um espaço, seja ele físico ou abstrato, que é comum aos agentes do evento” (Basso; Araújo, 2024, p. 9).

A sentença (49) abaixo pode ser entendida como um exemplo em que a expressão apresenta este tipo de leitura, uma vez que o evento ‘morar junto’ aciona duas interpretações simultaneamente: (i) uma espacial, pois se “João e Maria moram juntos, isso indica que eles ocupam o mesmo espaço” (Basso; Araújo, 2024, p. 9), e (ii) uma temporal, pois ambos ocupam o espaço contextualmente relevante (o local em que moram) ao mesmo tempo, que não podem ser desassociadas.

- (49) João e Maria moram juntos.

Da mesma forma, em uma sentença como (50), podemos compreender que Ana e Maria realizaram o evento descrito pelo verbo de ação ‘viajar’ em uma contiguidade espaço-temporal, isto é, as duas viajaram ao mesmo tempo e compartilharam o mesmo espaço.

- (50) Ana e Maria viajaram junto.

Além disso, também é possível notar que se removermos a expressão ‘junto’ dessa sentença, poderemos interpretá-la de forma distributiva, isto é, em uma situação em que Ana e Maria viajaram, mas elas fizeram isso em espaços e tempos separados, como visto em (51).

- (51) a. Ana e Maria viajaram.  
b. Ana viajou e Maria viajou.

#### 4.1.5 Interpretação Temporal

Basso e Araújo (2024) nomeiam a última das cinco interpretações que o item JUNTO pode ter de “Interpretação Temporal”. Segundo os autores podemos compreender tal leitura como se tratando de “dois eventos distintos em que cada um dos participantes realiza a ação de forma independente do outro, ou seja, sem estar no mesmo espaço que o outro, mas o fazem no mesmo instante” (Basso; Araújo, 2024, p. 11).

Dessa forma, uma sentença como (52) poderia ser lida temporalmente visto que podemos interpretar que ela trata de dois eventos que ocorrem em espaços distintos, mas ao mesmo tempo, *i.e.* João sai de sua casa e Maria sai da casa dela e os dois o fazem no mesmo instante.

- (52) João e Maria saíram de casa juntos.

Além disso, nota-se que, assim como as quatro leituras apresentadas anteriormente, a leitura temporal também apresenta um traço antidistributivo. Neste caso, tal propriedade coletivizante parece se relacionar ao tempo dos eventos, logo, se removermos o termo ‘juntos’ da sentença (52), poderemos interpretá-la de forma não simultânea, isto é, em que os dois eventos se distribuem no tempo (Basso; Araújo, 2024), como pode ser visto em (53).

- (53) a. João e Maria saíram de casa.  
b. João saiu de casa (em um determinado momento) e Maria saiu de casa (em outro momento).

#### 4.1.6 Propriedades das Interpretações

A partir do que vimos até agora, é possível notar que, no português brasileiro, as sentenças modificadas pelo item JUNTO podem ter, pelo menos, cinco interpretações distintas. Além disso, também pudemos perceber que, para além da característica da antidistributividade, que parece comum a todas as leituras que a expressão pode ter, “cada uma das interpretações apresentadas possui propriedades semânticas particulares que as distinguem umas das outras” (Basso; Araújo, 2024, p. 14), como pode ser visto no Quadro 1 abaixo, que apresenta uma sistematização das características semânticas de cada interpretação.

Quadro 1 - Propriedades das interpretações de JUNTO

<b>Interpretação</b>	<b>Propriedades Semânticas</b>
Combinação de elementos	Cria uma nova entidade a partir da composição de dois ou mais elementos.
Cooperação	Une dois ou mais indivíduos para a realização de uma ação de forma conjunta; cooperativa.
Mensuração	Somatória de um valor atribuído a duas ou mais medidas, numéricas ou não, cujo resultado só pode ser interpretado coletivamente.
Espaço-temporal	Aciona, no evento descrito pelo verbo de ação, duas leituras (temporal e espacial) que ocorrem contiguamente e são indissociáveis.
Temporal	Explicita a existência de dois (ou mais) eventos em que cada participante realiza a ação de forma individual, mas todos o fazem ao mesmo tempo.

Fonte: Basso e Araújo (2024)

Além disso, também é importante notar que as interpretações de JUNTO podem ser organizadas, de acordo com a proposta de Basso e Araújo<sup>25</sup> (2024), em termos de concretude e abstração. Dessa forma, em uma escala que vai do mais concreto para o mais abstrato, temos no ponto de mais concretude (ou menor abstração) a interpretação de combinação, que lida, como o próprio nome aponta, com a combinação de entidades concretas, e no ponto de maior abstração (ou menor concretude) temos a interpretação temporal, que está relacionada a um

<sup>25</sup> Os autores apontam a ocorrência de tal fenômeno para o item ‘juntos’. Porém, como buscaremos mostrar nesta Monografia, suas conclusões podem ser estendidas para todas as formas morfológicas de JUNTO.

fenômeno abstrato, a saber, o tempo. Assim, enquanto essas duas leituras ocupam os dois pontos extremos de tal escala, as outras interpretações que o item pode ter, “a saber, as interpretações de cooperação, de mensuração e de contiguidade espaço-temporal, ocupam pontos intermediários nesta escala, com as duas primeiras tendo interpretações mais concretas e a última tendo uma leitura mais abstrata” (Araújo; Basso, no prelo). Isso porque, enquanto ações, no caso da leitura cooperativa, e medidas, no que diz respeito à interpretação de mensuração, possuem características que podem ser entendidas como concretas, espaço e tempo, que compõem a interpretação de contiguidade espaço-temporal, são mais comumente entendidos como abstratos.

## 4.2. QUESTÕES MORFOSSINTÁTICAS SOBRE JUNTO

Como apontamos no início desta pesquisa, o item JUNTO, diferentemente, por exemplo, da expressão *together*, no inglês, apresenta variações morfológicas de número, gênero e grau. Além disso, como foi possível notar através dos exemplos apresentados nas seções anteriores, o termo pode ocupar diferentes posições sintáticas nas sentenças em que ocorre.

Sendo assim, é possível que questionemos se as diferentes possibilidades morfofossintáticas de JUNTO podem influenciar na forma como as sentenças modificadas pela expressão são interpretadas. Portanto, nas subseções a seguir, nos dedicaremos a investigar o comportamento morfológico e sintático do termo.

### 4.2.1 Junto, Juntos, Juntas: Questões sobre a Flexão de Número e de Gênero

No que diz respeito à flexão de número e de gênero, JUNTO apresenta três formas distintas: o singular masculino ‘junto’, o plural masculino ‘juntos’ e o plural feminino ‘juntas’. Como podemos notar, a expressão não flexiona no singular feminino, uma vez que, no português a palavra ‘junta’ não parece funcionar como as outras formas de JUNTO, como mostra o exemplo (54), “mas sim como um substantivo ou um verbo” (Araújo; Basso, no prelo), conforme demonstrado em (55) e (56).

- (54) #Ana e Maria caminharam junta.
- (55) A junta mecânica acopla dois objetos.
- (56) A menina junta dinheiro para comprar um livro novo.

Outra característica sobre a flexão morfológica de número e gênero do termo é que suas duas formas no plural, a saber, o masculino ‘juntos’ e o feminino ‘juntas’ não possuem nenhuma diferença de significado para além do fato de a primeira ser utilizada tanto em sentenças em que os participantes sejam de gênero (morfológico) masculino, como (57), quanto em sentenças com participantes de ambos os gêneros (58), enquanto a segunda só pode ser utilizada em sentenças em que ambos os participantes sejam de gênero feminino, como visto em (59). No que diz respeito à interpretação, porém, é possível perceber que os dois itens desempenham o mesmo papel, já que todas as três sentenças apresentam uma leitura de mensuração.

- (57) João e Pedro juntos ganham R\$ 100.000,00 por ano.
- (58) João e Maria juntos ganham R\$ 100.000,00 por ano.
- (59) Ana e Maria juntas ganham R\$ 100.000,00 por ano.

O mesmo pode ser visto nos exemplos abaixo, em que (60) e (61) são modificadas por ‘juntos’ e (62) por ‘juntas’. Ainda que sejam formas diferentes de JUNTO, tanto as sentenças modificadas pelo item no plural masculino quanto a que é modificada pela expressão no plural feminino apresentam a mesma interpretação (espaço-)temporal.

- (60) João e Pedro saíram de casa juntos.
- (61) João e Maria saíram de casa juntos.
- (62) Ana e Maria saíram de casa juntas.

Se não há diferença de interpretação no que diz respeito à variação de gênero, o mesmo não parece ser o caso quando se trata da variação de número. Em algumas leituras que JUNTO pode ter, utilizar o termo no singular ‘junto’ ou no plural ‘juntos/as’ não parece alterar a interpretação, como pode ser visto nos exemplos abaixo:

(63) O vinagre e o vinho juntos têm um gosto ruim.

(64) O vinagre e o vinho junto têm um gosto ruim.

Ainda que (63) pareça mais familiar, do ponto de vista gramatical, “podemos afirmar que ambas apresentam uma interpretação de combinação de elementos, e que a diferença entre elas é estilística” (Araújo; Basso, no prelo). O mesmo ocorre para os pares de sentenças (65)-(66) e (67)-(68), que apresentam, respectivamente, interpretações de cooperação e mensuração.

(65) João e Maria juntos consertaram o rádio.

(66) João e Maria junto consertaram o rádio.

(67) Ana e Maria pesam 120 quilos juntas.

(68) Ana e Maria pesam 120 quilos junto.

Se pensarmos, porém, em uma sentença como (69a), que é modificada por ‘juntas’ no plural, veremos que ela pode ser interpretada como Ana e Maria fazendo o vestibular no mesmo período de tempo, mas em espaços/locais diferentes. É possível, inclusive, como já havia sido apontado por Basso e Araújo (2024), utilizar expressões como “ao mesmo tempo” para substituir a expressão ‘juntas’ e comprovar que se trata de uma sentença com uma leitura de continuidade temporal, como mostra (69b).

(69) a. Ana e Maria fizeram o vestibular juntas.

b. Ana e Maria fizeram o vestibular ao mesmo tempo.

No entanto, se, ao invés da expressão no plural, a sentença for modificada pelo termo no singular, isto é, por ‘junto’, veremos que é possível encontrar, além da leitura temporal, traços espaciais, que fazem “com que a sentença passe a ser interpretada como tendo um único evento em que Ana e Maria fizeram o vestibular ao mesmo tempo e dividindo o mesmo espaço físico, isto é, próximas uma da outra” (Araújo; Basso, no prelo), como mostra (70a). Além disso, a exemplo de (69b), é possível utilizar uma construção como “próximas uma da

outra” para substituir ‘junto’ e verificar se se trata de uma sentença com interpretação espaço-temporal.

- (70) a. Ana e Maria fizeram o vestibular junto.  
b. Ana e Maria fizeram o vestibular próximas uma da outra.

Também podemos verificar tal fenômeno no par de sentenças (71)-(72) abaixo. Enquanto (71), modificada pela expressão no plural, pode ser interpretada temporalmente, com João e Pedro tendo nascido ao mesmo tempo, mas em espaços diferentes, (72), que é modificada por JUNTO no singular, parece ser melhor interpretada como “uma contiguidade espaço-temporal, em que o espaço e o tempo de nascimento dos dois participantes não pode ser desassociado” (Araújo; Basso, no prelo).

- (71) João e Pedro nasceram juntos (cada um na sua cidade).  
(72) João e Pedro nasceram junto (#cada um na sua cidade).

Também devemos nos atentar ao fato de que, em certos contextos, utilizar a expressão no plural também aciona uma interpretação espaço-temporal, como é o caso, por exemplo, da sentença (49), retomada abaixo como (73). Neste caso, uma vez que o verbo ‘morar’ apresenta, por si só, traços espaciais, a sentença será interpretada espaço-temporalmente independentemente da variação morfológica de número de JUNTO aplicada.

- (73) João e Maria moram juntos.

Assim, o que podemos concluir sobre as formas de JUNTO no singular e no plural é que “quando se trata de interpretações que lidam com elementos concretos, como a interpretação de combinação, de cooperação e de mensuração, utilizar a expressão ‘juntos/as’ no plural ou ‘junto’ no singular não altera a leitura da sentença” (Araújo; Basso, no prelo), enquanto nas interpretações que lidam com fenômenos abstratos, a saber, as leituras espaço-temporal e temporal, as sentenças modificadas pela expressão podem ser interpretadas diferentemente se forem modificadas pelo item no plural ou no singular.

Nossa hipótese para explicar este fenômeno segue aquilo que é proposto por Araújo e Basso (no prelo). Os autores apontam que ‘junto’, no singular, parece possuir traços mais concretos do que sua variação no plural. Assim, quando se trata das leituras que, por si só, já atuam sobre entidades concretas, utilizar uma outra forma não influenciaria na interpretação da sentença. Por outro lado, quando consideramos as interpretações que tratam de entidades abstratas, “o item pode ser utilizado para fazer com que uma ou outra leitura seja predominantemente” (Araújo; Basso, no prelo). Assim, se substituirmos ‘juntos’ por ‘junto’ em uma sentença com leitura temporal, “adicionaremos a ela um traço espacial, que, por sua vez, trará um pouco mais de concretude à sentença, modificando a sua interpretação e passando a ter uma leitura de contiguidade espaço-temporal” (Araújo; Basso, no prelo).

Podemos, então, sistematizar o comportamento das variações morfológicas de número do item JUNTO da seguinte forma:

Quadro 2- Funcionamento da variação de número de JUNTO

<b>Interpretação</b>	<b>Tipo de entidade modificada por JUNTO</b>	<b>Mudança na interpretação ao serem modificadas por JUNTO no singular ou no plural?</b>
Combinação	Concreta	Não
Cooperação	Concreta	Não
Mensuração	Concreta	Não
Espaço-temporal	Abstrata	Sim (exceto nos casos em que o verbo da sentença é eminentemente espacial)
Temporal	Abstrata	Sim

Fonte: Araújo e Basso (no prelo)

#### **4.2.2 Juntinho, Juntinhos, Juntinhas: Questões sobre a Derivação de Grau**

Além da flexão em número e em gênero, também podemos entender que JUNTO possui derivação de grau, visto que o termo pode ocorrer no diminutivo, com as formas ‘juntinho’, ‘juntinhos’ e ‘juntinhas’.

Nas gramáticas tradicionais, o sufixo *-inho* pode ser aplicado a substantivos e adjetivos e resulta em uma “ interpretação dimensional, segundo a qual o elemento em seu

escopo tem sua denotação diminuída em alguma de suas dimensões” (Araújo; Basso, no prelo). No entanto, no PB, os diminutivos podem ter inúmeras interpretações, entre elas algumas expressivas, que podem indicar disposições positivas ou negativas do falante, como pode ser visto em Funcia (2014). Em todos os casos, os diminutivos apresentam um fator comum, que é, segundo Araújo e Basso (no prelo), o de “manipular um grau associado ao que está sendo modificado, seja numa interpretação dimensional, seja numa interpretação expressiva”.

Dessa forma, podemos afirmar que, no caso de ‘juntinho/s/as’, o diminutivo é responsável por demonstrar “que há um grau numa escala relevante que é mais alto que o padrão alçado no contexto para aquela escala” (Basso; Souza, 2023, p. 62). Sendo assim, se pensarmos, por exemplo, em uma sentença como (74), ‘juntinhos’ expressa um grau maior de participação dos indivíduos da sentença, Pedro e João, no evento denotado por ‘deitaram’ do que seria possível demonstrar por ‘junto/s’. Em outras palavras, ao adotarmos tal expressão, podemos afirmar que o que está dito na sentença é que Pedro e João participaram do evento descrito por ‘deitaram’ muito juntos, *i.e.* muito próximos.

(74) Pedro e João deitaram juntinhos.

Apesar de tal efeito, no entanto, ‘juntinho/s/as’ não parece funcionar para todas as interpretações possíveis que as outras formas de JUNTO podem ter. Dizer isso significa, em outras palavras, que “nem todas as interpretações [...] apresentam uma leitura gradual ou podem ser associadas a escalas” (Araújo; Basso, no prelo). As sentenças abaixo, por exemplo, que apresentam, respectivamente, uma leitura de combinação, de cooperação e de mensuração, podem não ser agramaticais, mas parecem bastante estranhas do ponto de vista do falante nativo de português brasileiro.

(75) #O vinagre e o vinho têm um gosto ruim juntinhos.

(76) #Ana e Maria consertaram o carro juntinhas.

(77) #João e Pedro ganham R\$ 5.000,00 juntinhos.

Por outro lado, nos exemplos abaixo, em que temos sentenças com uma interpretação espaço-temporal (78) e temporal (79), parece possível que tenhamos uma leitura gradual, em

que os indivíduos realizam a ação descrita pelo evento ‘muito juntos’ espacialmente e/ou temporalmente.

(78) João e Maria passaram as férias juntinhos.

(79) Ana e Maria cruzaram a linha de chegada juntinhas.

Assim, no caso de (78), podemos compreender que ‘passar as férias juntinhos’ significa que João e Maria não se separaram, espacial e temporalmente, em nenhum momento (contextualmente relevante) e que, em (79), “Ana e Maria cruzaram a linha de chegada muito juntas, ou seja, sem nenhum segundo de diferença (contextualmente relevante)” (Araújo; Basso, no prelo).

Dado tal comportamento, se faz necessário compreender por qual motivo a expressão no diminutivo parece funcionar apenas para algumas das interpretações. Mais uma vez, a exemplo do que vimos na subseção anterior, tal comportamento parece estar relacionado ao tipo de entidade que é modificada pelo item. Assim, no caso das interpretações que atuam sobre elementos concretos, ‘juntinho/s/as’ não funcionam pois não há nenhum tipo de grau ou escala que mensure se tais elementos estão mais ou menos juntos. Se voltarmos à análise da sentença (75) perceberemos que não é relevante saber se ‘vinagre’ e ‘vinho’ estão muito ou pouco juntos, apenas se os elementos estão ou não juntos. Da mesma forma, nas sentenças (76) e (77), o que importante é se os indivíduos realizam o que é descrito pelo predicado coletivamente, isto é, juntos – a escala em que eles o fazem, por sua vez, não é relevante.

Por outro lado, quando se trata das interpretações espaço-temporal e temporal, que atuam sobre dois fenômenos abstratos, “é possível que os eventos [...] possam ser realizados em um grau de maior ou menor proximidade” (Araújo; Basso, no prelo). Dessa maneira, nos exemplos (78) e (79), pode ser relevante, contextualmente falando, saber se os indivíduos passaram as férias ou cruzaram a linha de chegada mais ou menos juntos, isto é, em uma escala maior ou menor de proximidade espaço-temporal e/ou temporal.

Por fim, é importante destacar que a forma diminutiva de JUNTO também pode variar em número, uma vez que as sentenças que funcionam com tal expressão, podem ser modificadas tanto pela forma no plural ‘juntinhos/as’ quanto pela forma no singular ‘juntinho’<sup>26</sup>. Assim como vimos na subseção anterior, em que tratamos da oposição entre

<sup>26</sup> A exemplo do que vimos na seção anterior, a forma no feminino singular ‘juntinha’ não parece funcionar no

‘junto’ e ‘juntos/as’, no caso do diminutivo, o que parece distinguir as expressões no singular e no plural é que a primeira apresenta um traço espacial que não está presente na segunda.

A exemplo de (71) e (72), nas sentenças abaixo há também uma distinção nas interpretações, já que enquanto (80) pode ser interpretada apenas temporalmente, em uma situação em que João e Pedro nasceram ‘muito juntos’, exatamente no mesmo segundo, mas em lugares diferentes, em (81) os indivíduos nasceram ‘muito juntos’ tanto temporalmente quanto espacialmente, como, por exemplo, conforme apontam Araújo e Basso (no prelo), em uma situação em que os dois são irmãos gêmeos que nasceram através de uma cesariana.

(80) João e Pedro nasceram juntinhos.

(81) João e Pedro nasceram juntinho.

#### 4.2.3 Questões Sobre a Posição Sintática de JUNTO

Além das questões morfológicas, a análise das questões sintáticas de JUNTO também é fundamental para compreender se e como a mudança na posição sintática da expressão pode influenciar na forma como a sentença modificada por ela é interpretada. Sendo assim, nos exemplos abaixo, realizaremos testes com sentenças que possuem diferentes interpretações para que possamos entender como JUNTO se comporta do ponto de vista sintático.

No exemplo (82), investigamos, as diferentes possibilidades sintáticas de JUNTO em uma sentença com interpretação de combinação de elementos.

- (82)
- a. Juntos, o vinagre e o vinho têm um gosto ruim.
  - b. Junto, o vinagre e o vinho têm um gosto ruim.
  - c. O vinagre e o vinho juntos têm um gosto ruim.
  - d. O vinagre e o vinho junto têm um gosto ruim.
  - e. O vinagre e o vinho têm juntos um gosto ruim.
  - f. O vinagre e o vinho têm junto um gosto ruim.
  - g. O vinagre e o vinho têm um gosto ruim juntos.
  - h. O vinagre e o vinho têm um gosto ruim junto.

A partir deste exemplo é possível notar que, ainda que as sentenças modificadas pela expressão no plural pareçam mais comuns do ponto de vista gramatical, em todas elas a interpretação de combinação se mantém, independentemente da posição sintática que JUNTO ocupa.

Passando para a interpretação de cooperação, a partir do exemplo (83) podemos perceber que, neste caso, a posição sintática pode influenciar na interpretação da sentença, isso porque enquanto as sentenças (83a)-(83d) podem ser interpretadas, sem nenhum questionamento, como cooperativas, no restante dos exemplos, tal leitura parece disputar espaço com as interpretações temporal, em (83e) e (83g), e espaço-temporal, em (83f) e (83h).

- (83)
- a. Juntas, Ana e Maria fizeram o trabalho de química.
  - b. Junto, Ana e Maria fizeram o trabalho de química.
  - c. Ana e Maria juntas fizeram o trabalho de química.
  - d. Ana e Maria junto fizeram o trabalho de química.
  - e. Ana e Maria fizeram juntas o trabalho de química.
  - f. Ana e Maria fizeram junto o trabalho de química.
  - g. Ana e Maria fizeram o trabalho de química juntas.
  - h. Ana e Maria fizeram o trabalho de química junto.

No caso da interpretação de mensuração, conforme apresentado no exemplo (84) abaixo, o funcionamento sintático é bastante parecido com o que vimos em (82), uma vez que, independentemente da posição que ocupa, JUNTO evoca uma interpretação de mensuração nas sentenças.

- (84)
- a. Juntos, João e Maria pesam 150 quilos.
  - b. Junto, João e Maria pesam 150 quilos.
  - c. João e Maria juntos pesam 150 quilos.
  - d. João e Maria juntos pesam 150 quilos.
  - e. João e Maria pesam juntos 150 quilos.
  - f. João e Maria pesam junto 150 quilos.
  - g. João e Maria pesam 150 quilos juntos.

h. João e Maria pesam 150 quilos junto.

No que diz respeito à leitura espaço-temporal, podemos notar, de acordo com o que apontam Araújo e Basso (no prelo), que as sentenças em (85c) e (85d) parecem estranhas, ainda que não sejam agramaticais, para um falante nativo do PB. As razões para isso serão apresentadas mais adiante.

- (85)
- a. Juntas, Ana e Maria passaram as férias.
  - b. Junto, Ana e Maria passaram as férias.
  - c. #Ana e Maria juntas passaram as férias.
  - d. #Ana e Maria junto passaram as férias.
  - e. Ana e Maria passaram juntas as férias.
  - f. Ana e Maria passaram junto as férias.
  - g. Ana e Maria passaram as férias juntas.
  - h. Ana e Maria passaram as férias junto.

Por fim, devemos analisar o comportamento sintático de JUNTO em uma sentença com interpretação temporal.

- (86)
- a. Juntos, João e Maria saíram de casa.
  - b. Junto, João e Maria saíram de casa.
  - c. #João e Maria juntos saíram de casa.
  - d. #João e Maria junto saíram de casa.
  - e. João e Maria saíram juntos de casa.
  - f. João e Maria saíram junto de casa.
  - g. João e Maria saíram de casa juntos.
  - h. João e Maria saíram de casa junto.

Exceto, talvez, por (86f) e (86h), que, por serem modificadas pela expressão no singular, podem ser interpretadas espaço-temporalmente, isto é, em uma situação em que João e Maria não saíram apenas ao mesmo tempo, mas também do mesmo espaço (Araújo; Basso, no prelo), o uso da forma no singular e no plural não parece trazer divergências na

interpretação das sentenças. Por outro lado, no que diz respeito à posição sintática, as sentenças (86c) e (86d), a exemplo de (85), não parecem muito boas do ponto de vista do falante nativo.

Dessa maneira, o que é possível notar sobre a posição sintática de JUNTO é que, nas leituras de combinação e de mensuração, a expressão pode ocupar qualquer posição sem afetar a interpretação da sentença. Já no que diz respeito às interpretações de cooperação, de contiguidade espaço-temporal e de continuidade temporal, o lugar em que JUNTO aparece na sentença parece relevante para determinar sua leitura.

No caso da interpretação de cooperação, vimos que tal leitura é capturada com mais facilidade quando o item JUNTO ocorre em uma posição anterior ao verbo, modificando os sujeitos da sentença, e também quando ocorre no início da sentença, entre vírgulas. Quando aparece depois do verbo, porém, vimos que é possível que tenhamos uma interpretação espaço-temporal ou temporal da sentença. De acordo com Araújo e Basso (no prelo)

uma possível razão para que tal fenômeno ocorra é que, em sua maioria, as sentenças com interpretação de cooperação também podem ser lidas de forma (espaço-)temporal, visto que, ao cooperarem entre si, é muito provável que os participantes da sentença realizem a ação descrita pelo evento no mesmo espaço e/ou ao mesmo tempo.

Sendo assim, mudar a posição sintática de JUNTO, neste caso, pode fazer com que uma interpretação fique mais evidente que outra ou que duas interpretações distintas possam ser possíveis para uma mesma sentença.

Já no caso das leituras espaço-temporal e temporal, vimos que, quando JUNTO ocorre em uma posição sintática anterior ao verbo, modificando os sujeitos da sentença, como em (85c)-(85d) e (86c)-(86d), tais sentenças parecem estranhas. Isso porque, nestes casos, surgem certos traços que podem levar a uma interpretação cooperativa, que não é possível em sentenças deste tipo “já que seu predicado não está relacionado a uma situação em que os participantes dividem o mesmo papel temático ou, em outras palavras, cooperam entre si para a realização da ação descrita pelo evento” (Araújo; Basso, no prelo).

Por fim, devemos destacar a questão sintática relacionada à forma de JUNTO no diminutivo, isto é, ‘juntinho/s/as’. Diferente de ‘junto/s/as’, que, como vimos, pode ocorrer tanto como modificador nominal quanto como modificador verbal, ‘juntinho/s/as’ parece funcionar bem apenas quando modifica o verbo, o que pode ser explicado pela sua função de

intensificador de grau.

- (87) a. #Juntinhos, João e Pedro deitaram.  
 b. #João e Pedro juntinhos deitaram.  
 c. João e Pedro deitaram juntinhos.

#### 4.3. UMA PROPOSTA SEMÂNTICA PARA JUNTO

Agora que já vimos quais são as interpretações que JUNTO pode ter no português brasileiro, bem como a forma como suas características morfossintáticas podem influenciar tais interpretações, podemos elaborar uma proposta semântica capaz de explicar o funcionamento da expressão em PB.

A princípio, acreditávamos que as propostas de Lasersohn (1998) e Moltmann (2004) para *together*, que foram apresentadas nas subseções 2.1 e 2.2 desta Monografia, poderiam dar conta de explicar como JUNTO se comporta no PB. Agora, porém, com as informações que temos sobre o funcionamento do termo, podemos argumentar que nenhuma das abordagens é capaz de explicar a semântica da expressão adequadamente.

Pensando, primeiro, na proposta de Lasersohn (1998), baseada na noção de sobreposição de eventos, podemos entender que tal teoria é capaz de explicar de forma satisfatória apenas a interpretação de cooperação que JUNTO pode ter, já que, em sentenças com essa leitura, é possível apontar que as ações dos participantes se sobrepõem, mostrando que o evento só pode ser compreendido de forma coletiva. A abordagem de Lasersohn (1998) também parece funcionar, de certa forma, para explicar a leitura de mensuração, visto que é possível entender que, neste caso, os valores dos indivíduos são sobrepostos. Como mostraremos a seguir, porém, essa interpretação parece ser melhor explicada a partir da proposta de Moltmann (2004). As outras interpretações de JUNTO, no entanto, não parecem ser capturadas adequadamente por esta abordagem.

Já no que diz respeito a proposta de mensuração de Moltmann (2004), vemos que tal abordagem funciona bem para explicar a interpretação de mensuração que JUNTO pode ter, já que, assim como a autora propõe para a expressão *together* em domínio adnominal, essa leitura tem como principal característica a somatória de medidas individuais cujo resultado só pode ser interpretado coletivamente. A abordagem que Moltmann (2004) apresenta também

parece dar conta da interpretação de cooperação. Neste caso, teríamos que considerar aquilo que é proposto para o *together* em domínio adverbial, isto é, que a função da expressão é realizar a soma de subeventos em que cada um dos participantes contribui e que cria um único evento que pode ser entendido como um todo integrado. Nos parece, no entanto, que esse tipo de interpretação é entendido mais naturalmente em situações em que os indivíduos da sentença atuam de forma conjunta em todos os (sub)eventos relevantes, sem que haja, necessariamente, subeventos ligados exclusivamente a um ou a outro participante (Basso; Araújo, 2024). Mais uma vez, assim como ocorreu com a proposta de Lasersohn (1998), tal teoria não parece dar conta de explicar o funcionamento de JUNTO quando a expressão ocorre em sentenças com leituras de combinação, de contiguidade espaço-temporal e de continuidade temporal.

Dado, então, que as propostas feitas para o termo no inglês não parecem funcionar para o português brasileiro, torna-se necessário que pensemos em uma nova explicação capaz de dar conta dos dados no PB. Seguindo aquilo que é apontado por Basso e Araújo (2024), podemos pensar que o papel semântico de JUNTO é o de efetuar uma espécie de soma de entidades, que, por sua vez, resulta em um grupo sobre o qual as propriedades de cada interpretação que a expressão pode ter irá atuar. Tal intuição também pode ser encontrada em Gomes (2006, p. 86), que afirma que a expressão “nos obriga a interpretar o resultado como fruto da soma das contribuições das entidades reunidas”. Além disso, é necessário levar em conta a posição das entidades relacionadas a JUNTO no eixo concreto-abstrato, algo que Basso e Araújo (2024) propõem, mas que não é encontrado no trabalho de outros autores.

Nesse sentido, a proposta de soma e formação de grupos é capaz de dar conta não apenas das diferentes interpretações e características morfossintáticas de JUNTO, como também de lidar com a antidistributividade que está associada ao termo. No entanto, a antidistributividade, em nossa proposta, não é considerada o núcleo de significado de JUNTO, como propõem, por exemplo, Bennett (1974), Hoeksema (1983) e Schwarzschild (1992, 1994) para o termo *together* no inglês, mas sim “o resultado de aplicar o predicado somente à soma (ou grupo) resultante da aplicação” (Basso; Araújo, 2024, p. 20) da expressão.

Conforme mostraremos nesta subseção, esta hipótese funciona tanto para as leituras que lidam com entidades mais concretas, como é o caso das interpretações de combinação, cooperação e mensuração, quanto para as que tratam de fenômenos que apresentam características mais abstratas, isto é, as leituras espaço-temporal e temporal, e, em todos os casos, o produto que é obtido pela soma das entidades, ou por sua justaposição e/ou

simultaneidade (que ocorre quando os fenômenos não possuem nenhum elemento concreto que possa ser somado), pode ser entendido como um todo integrado.

Antes de passarmos para os exemplos, cabe destacar que a ideia de soma que propomos aqui é, a exemplo de Basso e Araújo (2024), inspirada pela ideia de soma mereológica, em que diferentes indivíduos ou entidades são somados e o resultado é um único indivíduo e/ou entidade em uma dada dimensão de soma (física, espaço-temporal ou temporal). Dessa forma, a ideia é que ‘A+B JUNTO’ resulta em um grupo formado pelo resultado de tal soma, e é sobre este grupo que atuam as diferentes propriedades que as interpretações da expressão podem ter.

Sendo assim, no que diz respeito à interpretação de combinação de elementos, JUNTO teria, seguindo tal hipótese, o papel de somar duas ou mais entidades e o resultado seria uma terceira entidade, diferente das duas primeiras, que pode ser entendida como um todo integrado. Assim, em uma sentença como (88), ‘juntas’ é responsável por somar/combinar os elementos ‘água sanitária’ e ‘amônia’ e é sobre o resultado dessa soma que o predicado ‘podem causar infecções’ atua.

(88) A água sanitária e a amônia juntas podem causar infecções,

Já no caso da leitura de cooperação, o que é somado é a participação dos indivíduos que realizam o evento descrito na sentença, de forma que esta é interpretada coletivamente, grupalmente. Se pensarmos, por exemplo, em uma sentença como (89), podemos dizer que o evento ‘resolver o problema’ só é possível porque ‘juntos’ realiza uma soma, uma junção, das participações de João e de Maria para a resolução do problema, e é sobre o grupo formado por essa soma de ações que o predicado atua.

(89) João e Maria juntos resolveram o problema.

Passando para a terceira interpretação que JUNTO pode ter, vemos que, na leitura de mensuração, JUNTO realiza uma soma de medidas externas aos indivíduos da sentença e é apenas sobre o grupo formado por tal operação que o predicado pode atuar. Dessa forma, em uma sentença como (90), o predicado ‘pesam 150 quilos’ só pode ser interpretado se considerarmos que João tem um peso  $x$  e Maria tem um peso  $y$  e que ‘juntos’ é responsável

por somar tais valores, resultando, assim, em 150 quilos.

(90) João e Maria pensam 150 quilos juntos.

Seguindo a ordem das interpretações apresentadas, também podemos apontar que a hipótese de soma que propomos para JUNTO, com base em Basso e Araújo (no prelo), funciona para a leitura de contiguidade espaço-temporal, que apresenta um nível de abstração muito maior que as interpretações anteriores. Neste caso, como não existe nenhuma entidade concreta que possa ser somada, podemos dizer que o que se soma é a localização espaço-temporal dos indivíduos. Dessa forma, em uma sentença como (91), é possível apontar que “durante o tempo  $t$ , o espaço  $I1$  ocupado por João é contíguo ao espaço  $I2$  ocupado por Maria” (Basso; Araújo, 2024, p. 22).

(91) João e Maria moram junto.

Por fim, a interpretação temporal, que é a mais abstrata de todas as cinco leituras que JUNTO pode ter, também é passível de explicação por meio da ideia de soma. Neste caso, como não se leva mais em conta o espaço, mas somente o tempo, a única possibilidade é que a soma realizada pela expressão atue sobre o tempo de realização dos eventos. Em outras palavras, em uma sentença como (92), por exemplo, o papel de ‘juntas’ é o de somar e/ou sobrepor os tempos dos eventos em que Ana recebeu o pagamento e em que Maria recebeu o pagamento de forma que tal soma resulta num mesmo tempo, fazendo com que possamos entender que ambos os eventos ocorreram simultaneamente.

(92) Ana e Maria receberam o pagamento juntas.

De forma geral, podemos representar o funcionamento da soma realizada por JUNTO da forma como mostra o Quadro 3 abaixo:

Quadro 3 - Tipos de soma realizados pela expressão JUNTO

<b>Interpretação</b>	<b>Soma realizada por JUNTO</b>
Combinação de Elementos	Elemento A + Elemento B
Cooperação	Ação do indivíduo A + Ação do indivíduo B
Mensuração	Medida do indivíduo A + Medida do indivíduo B
Espaço-Temporal	Localização espaço-temporal do indivíduo A + Localização espaço-temporal do indivíduo B
Temporal	Tempo de realização do evento A + Tempo de realização do evento B

Fonte: Elaboração própria

Podemos notar, então, a partir dos exemplos e do quadro apresentado, que a ideia de soma (mereológica) como função básica de JUNTO, isto é, a ideia de que ‘A + B JUNTO’ resulta em um grupo e de que é sobre tal grupo que as propriedades da sentença atuam, parece não apenas dar conta de explicar o funcionamento das diferentes interpretações que o item pode ter, como também é capaz de embasar as propostas de Lasersohn (1998) e Moltmann (2004). Além disso, tal abordagem é capaz de explicar o porquê de as sentenças modificadas por JUNTO apresentarem um efeito antidistributivo: ao aplicarmos a expressão, não é possível distribuir o predicado para os diferentes indivíduos que participam da soma. Finalmente, o tipo de entidade, no eixo concreto-abstrato, é fundamental para entender a contribuição de JUNTO.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise realizada neste Trabalho de Conclusão de Curso trouxe à luz diversas questões sobre a expressão JUNTO no português brasileiro, que ainda não havia sido estudada de forma sistemática na língua.

Nossa primeira descoberta foi a de que, no PB, JUNTO parece ter, pelo menos, cinco interpretações distintas, ligadas a uma leitura antidistributiva, que sempre ocorre quando tal item modifica uma sentença. Além disso, pudemos perceber que cada uma dessas interpretações apresenta suas próprias características, que as diferenciam das outras, e que as cinco leituras que o termo apresenta podem ser organizadas em uma escala de concretude/abstração, com as interpretações de combinação de elementos e de continuidade temporal ocupando os dois pontos mais extremos de tal escala.

Também foi possível perceber, por meio de nossa análise, que o estudo das questões morfossintáticas de JUNTO é bastante importante para compreender o papel semântico do item, uma vez que, como vimos, o uso da expressão no singular ou no plural, em certos casos, pode fazer com que as sentenças sejam interpretadas de forma distinta, assim como ocorre quando se usa o termo em diferentes posições sintáticas. Ainda sobre essas questões, nossa investigação também mostrou que o uso de JUNTO no diminutivo funciona não como forma de denotar diminuição, como sugerem as gramáticas tradicionais, mas sim para mostrar que em uma escala de proximidade (espaço-)temporal, ‘juntinho/s/as’ pode ser usado para demonstrar que os indivíduos realizam a ação descrita pelo evento mais do que juntos; ‘muito juntos’.

Por fim, a análise que empreendemos nesta Monografia também mostrou a necessidade de propor uma abordagem semântica original para explicar o papel de JUNTO no português brasileiro, visto que as propostas que existem para outras línguas, como é o caso da teoria de sobreposição de Lasersohn (1998) e da proposta de mensuração de Moltmann (2004), que lidam com o termo *together*, que pode ser entendido como um equivalente próximo de JUNTO no inglês, não parecem capazes de dar conta dos dados do PB. Dessa forma, propusemos, com base no trabalho de Basso e Araújo (2024) que, por sua vez, se inspira na ideia de soma mereológica, que a função semântica de JUNTO é a de realizar uma soma de entidades que resulta em um grupo e é sobre este grupo que o predicado ou o evento da sentença irá atuar. Tal proposta, como demonstramos, parece satisfazer todas as diferentes

leituras que a expressão pode ter, desde as que lidam com elementos mais concretos até as que tratam de entidades abstratas. Além disso, a ideia de soma também parece ser capaz de capturar e descrever o caráter antidistributivo que está relacionado a JUNTO.

Apesar de todos os pontos analisados ao longo desta pesquisa, ainda existem muitas questões em aberto sobre JUNTO que merecem ser exploradas, como, por exemplo, uma análise de questões pragmáticas que envolvam a expressão, um estudo mais aprofundado sobre o fenômeno da antidistributividade, investigações que analisem o comportamento de JUNTO em comparação com outros itens do português brasileiro, como, por exemplo, o termo ‘sozinho’. Além disso, um outro passo que deve ser dado para enriquecer o estudo da expressão JUNTO é a construção de uma descrição formal que dê conta do significado do item. Apesar de todas as ideias que ainda podem ser investigadas, esperamos que o estudo que empreendemos aqui contribua de forma significativa não apenas para a descrição do PB, mas para os estudos semânticos de forma geral.

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, A. C. S.; BASSO, R. M. Junto, juntos, juntinhos e afins: propriedades semânticas e morfossintáticas de um item antidistributivo do português brasileiro. **Fórum Linguístico**, Florianópolis, no prelo.
- BARTSCH, R. The Semantics and Syntax of Number and Numbers. *In*: KIMBALL, J.P. (ed.). **Syntax and Semantics**. Nova Iorque: Academic Press, 1973. v. 2.
- BASSO, Renato Miguel; ARAÚJO, Ana Carolina de Sousa. Sobre a semântica de “juntos” no português brasileiro: tipologia e investigação preliminar. **Gragoatá**, Niterói, v. 29, n. 64, e60739, maio-ago. 2024. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/60739/37279>. Acesso em: 24 jul. 2024.
- BASSO, R. M.; MENDES DE SOUZA, L. Modificadores graduais coloquiais: o caso de ‘pra caralho’: Colloquial scalar modifiers: the case of ‘pra caralho’. **Estudos Linguísticos (São Paulo. 1978)**, [S. l.], v. 51, n. 2, 2023. DOI: 10.21165/el.v51i2.3339. Disponível em: <https://revistadogel.emnuvens.com.br/estudos-linguisticos/article/view/3339>. Acesso em: 22 abr. 2024.
- BENNETT, M. R. **Some Extensions of a Montague Fragment of English**. 1974. Tese (Doutorado) - UCLA, Los Angeles, 1974.
- FUNCIA, M. A. As Várias Funções dos Diminutivos em Português: uma análise sob a perspectiva da Semântica Formal. **FAPESP**, São Carlos, v. 2, n. 90470, p. 1-95, mai./2014.
- GOMES, A. P. Q. Todos juntos: um estudo do papel da flutuação de todos nas relações informacionais da sentença. **Revista do GEL/Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo**, Araraquara - SP, v. 3, p. 83-106, 2006.
- HOEKSEMA, Jack. Plurality and Conjunction. *In*: MEULEN, Alice G. B. ter (ed.). **Studies In Model theoretic Semantics**. Dordrecht: Foris Publications, 1983.
- LASERSOHN, Peter. Events in the Semantics of Collectivizing Adverbials. *In*: ROTHSTEIN, S. (ed.). **Events and Grammar: Studies in Linguistics and Philosophy**. Dordrecht: Springer, 1998. v. 70, p. 273-292.
- MCCAWLEY, J. The Role of Semantics in a Grammar. *In*: BACH, E.; HARMS, R.T. (ed.). **Universals in Linguistic Theory**. Nova Iorque, USA: Holt, Rinehart and Winston, 1968.
- MOLTMANN, F. The Semantics of Together. **Natural Language Semantics**, [S. l.], v. 12, p. 289-318, 2004.
- SCHWARZSCHILD, R. Together as a Non-distributive Marker. *In*: DECKER, P.; STOKHOF, R. (ed.). **Proceedings of the 8th Amsterdam Colloquium**. Amsterdã, 1992.
- SCHWARZSCHILD, R. Plurals, Presuppositions and the Sources of Distributivity. **Natural Language Semantics**, [S. l.], v. 2.3, p. 201 -248, 1994.